

ANDOR
VIOLETA

MANUEL FORTE
06/12/2024

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

M (+351) 969 847 655

info@balcony.pt
www.balcony.pt

Fabulística Contemporânea (PT)

Praticamente desconhecido no contexto nacional, Manuel Forte é um daqueles artistas que apetece conhecer quando se trata de vislumbrar um desassossego apaixonado pelo fazer artístico numa altura onde prevalecem os mais diversos cinismos e formalismos bacocos.

Numa alegre *psicadelia* pós-fauvista, o artista conduz-nos por espaços onde a geometria se desagrega em escorregadia improbabilidade. As aberturas, portas, janelas e pinturas-dentro-da-pintura, remetem para uma banalidade comovente: trata-se, aqui, de uma espécie de rememoração pessoal do que circunda física ou mentalmente o autor. As suas galinhas, os seus patos, as flores, o horizonte...

No contexto da sua criação pictórica podem emergir temas em formatos pequenos que isoladamente ganham uma dignidade particular: *Reguengo*, um pássaro azul com patas amarelas assente num galho parece uma representação realista; no entanto, a envolvente definida por uma suave marcação espacial remete para a ideia de um improvisado estúdio fotográfico. A distância relativamente à nomenclatura paisagística clássica é evidente, sublinhando deste modo a recorrente analogia ao paradigma de imagem mental. Outra pintura de pequeno formato, intitulada *Hortal*, confirma o anteriormente dito – é a mais abstrata, se de abstração se pode aqui falar, já que a figuração, neste autor, é sempre uma superlativa armadilha visual.

Nos grandes formatos prevalecem os interiores: a sua definição é, em quase todos os casos, delimitada por um chão e duas paredes. A exceção concretiza-se na pintura *São Roque*, onde o interior do jardim de inverno desta magnífica casa portuense (agora um centro de arte contemporânea) inscreve uma dinâmica arredondada a essa construção perspética.

Há um fascínio por outros elementos que ajudam à estruturação mutante dos espaços pictóricos: as mesas e as cadeiras. As mesas são palcos inverosímeis e as cadeiras lugares de ninguém. Perpassa, invariavelmente, um sentimento de um tempo sem tempo, de um cenário sonâmbulo onde os personagens saíram de cena deixando apenas resquícios habitados por presenças animais. A domesticidade tornada fábula.

A propósito dessa domesticidade: uma das mais importantes séries da pintura de Álvaro Lapa chamava-se *Campéstico*. Nela o artista fundia no mesmo plano imagético as noções de campo e doméstico. Formalmente muito distante de Lapa, Manuel Forte repercute, contudo, esse propósito de tensionar criticamente a estabilidade percetiva das noções de interior e exterior. A pintura como coisa mental, claro. Na sua *naiveté* brutalista, estes trabalhos provocam por intermédio de uma quase excessiva candura. Tudo demasiado apeteçível.

A miscigenação espacial é reforçada por um cenográfico enquadramento das pinturas *Porto D'Ave* e *Souto*, num momento, e *A Ver-o-Mar*, noutro. Tratam-se de dispositivos que o artista tem vindo a utilizar em anteriores contextos e que enquadram pinturas com intervenções no espaço que assim as fazem desbordar e desdobrar num eficaz jogo ótico/decorativo. Adensa-se a trama. Na verdade, estas intervenções não só problematizam o sentido decorativo da pintura em si, como remetem indiretamente para a tradição da crítica institucional (daí, creio que voluntariamente, a referência às listas pretas e brancas do Daniel Buren na intervenção que sustenta a pintura *A Ver-o-Mar* e a respetiva cadeira também listada com o ready-made canídeo).

Andor violeta era uma expressão que aqui no Norte se usava nos nossos tempos de adolescentes. Basicamente significava “põe-te a andar” ou coisa do género. Tal como no seu título, esta exposição indicia um paradoxal estado recetivo: somos convidados a entrar candidamente neste universo de exuberância visual, mas rapidamente sentimos um desconforto nos seus detalhes imateriais. Manuel Forte brinca, assim, com o fogo. Mas não é a chama da arte um dos poucos resquícios de humanidade que nos restam?

Miguel von Hafe Pérez

AND OR
VIOLETA

MANUEL FORTE
06/12/2024

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

M (+351) 969 847 655

info@balcony.pt
www.balcony.pt

Contemporary Fabulism (EN)

Manuel Forte, practically unknown in the national art scene, is one of those artists whose work invites discovery when it comes to catching a glimpse into a passionate restlessness for artistic creation, a refreshing change from the usual cynicism and hollow formalities we often see these days.

Through a cheerful, post-Fauvist *psychedelia*, the artist guides us into spaces where geometry seems to melt and shift unpredictably. Openings, doors, windows, and paintings-within-paintings evoke a touching ordinariness: a personal snapshot of the physical and mental world surrounding him. His hens, ducks, flowers, the horizon...

In his paintings, smaller themes pop up, each standing out in its own unique way. *Reguengo*, for instance, a blue bird with yellow legs perched on a branch, seems realistic at first glance, but the soft, blurred surroundings feel like a makeshift photo studio. This divergence from traditional landscape styles underscores a recurring analogy to mental imagery. Another small piece, *Hortal*, reinforces this idea. It's the most abstract piece - if one can even call it abstract - since Forte's figurative style is always a supreme visual trap.

In larger formats, the focus is mostly on interiors, almost always framed by a floor and two walls. An exception is *São Roque*, where the winter garden of this magnificent Oporto house (now a contemporary art center) breaks this mold with its rounded, dynamic perspective.

There is a clear fascination for tables and chairs that contribute to the mutable structure of his spaces. Tables become improbable stages, while chairs are places of absence. There's always this dreamy, timeless atmosphere - a sleepwalking stage where characters have exited the scene and all that is left are traces of animals moving through the space. Domestic life turned into a fable.

On the subject of domesticity: one of the most significant series by the painter Álvaro Lapa was called *Campéstico*, where he combined rural and domestic in the same picture. Although Manuel Forte's work is formally very different from Lapa's, he shares this intent to critically challenge the perceptual stability of what defines interior and exterior spaces. Painting as a mental construct, of course. Through its

brutalist *naïveté*, Forte's work provokes with its excessive candor - everything feels overwhelmingly inviting.

The blending of spaces is amplified by the theatrical framing of paintings like *Porto D'Ave* and *Souto* in one instance, and *A Ver-o-Mar* in another. These setups, which the artist has explored in previous works, extend the paintings into the space around them, creating an effective optical and decorative interplay. The plot thickens. These interventions not only question the decorative nature of the paintings themselves, they also subtly reference the tradition of institutional critique (this is, I believe intentionally, a reference to Daniel Buren's black-and-white stripes in the setup supporting *A Ver-o-Mar* and the corresponding striped chair, which is also tied to the canine ready-made element).

Andor violeta was a phrase we used as teens here in Northern Portugal - it basically meant something like "get going" or "move along". True to its title, this exhibition suggests a paradoxical invitation: we're warmly welcomed into a universe of visual exuberance, only to find ourselves unsettled by its intangible details.

Manuel Forte plays with fire here. But isn't the flame of art one of the few remains of humanity we have left?

Miguel von Hafe Pérez